Transição Feudal-Capitalista

A influência dos movimentos religiosos e o aparecimento de governos absolutistas põem fim ao sistema Feudal

O Nascimento de Vénus foi encomendada por Lorenzo di Médici à Botticelli, um renomado pintor italiano da época do Renascimento.

O expansionismo registrado na Europa no final da era Feudal abriu espaço para o desenvolvimento econômico e a dominação da América por meio da exploração comercial. Os planos desenvolvimentistas dos europeus ainda se legitimavam com o apoio da Igreja Católica, que nesse processo vislumbrava a propagação da fé cristã.

Os europeus mantinham colônias sul-americanas por meio de monopólio legal da importação das matérias-primas mais lucrativas e ainda a exportação de bens de consumo para suas colônias.

Nesse caminho de exploração, o feudalismo definitivamente desaparece e se inicia um novo sistema econômico, social e político: o Capitalismo. Diferentemente do que ocorria até então, nesse novo sistema o trabalhador passou a ser assalariado e não mais servil como no Feudalismo. A troca monetária, economia de mercado e preocupação com o lucro também foram elementos que se tornaram típicos do Capitalismo.

Aos poucos, este novo sistema dominou o continente europeu, mas isso só aconteceu, contudo, após a Revolução Industrial (iniciada no século 18 na Inglaterra) na qual se estabeleceu o dito "verdadeiro capitalismo".

NOVA ORDEM ARTÍSTICA E CULTURAL: RENASCIMENTO

Em meio a sensíveis transformações sociais que não mais correspondiam ao conjunto de valores propagados pelo pensamento medieval, surgiu o renascimento, que apresentou novos temas e interesses às àreas científicas e culturais de sua época. Ao abrir o mundo à intervenção do homem, o Renascimento sugeriu uma mudança da posição a ser ocupada pelo homem no mundo.

O Renascimento foi um importante movimento de ordem artística, cultural e científica que se deflagrou durante a passagem da Idade Média para a Moderna. Esse conjunto de temas pregou que ao exercer sua capacidade de questionar o mundo, o homem simplesmente dava vazão a um dom concedido por Deus (neoplatonismo). O período também tinha como característica a reprodução de situações do cotidiano e dos traços das formas humanas.

Na época, a burguesia se entusiasmou com as temáticas do Renascimento, por isso, financiou muitos artistas e cientistas surgidos entre os séculos 14 e 16. Essa aproximação do Renascimento com a burguesia foi claramente percebida no interior das grandes cidades comerciais italianas do período, como: Gênova, Veneza, Milão, Florença e Roma. Esses lugares eram grandes centros de comércio onde a intensa circulação de riquezas e ideias promoveram a ascensão de uma notória classe artística italiana.

A profissionalização dos artistas do Renascimento foi responsável inclusive por um conjunto extenso de obras que acabou dividindo o movimento em três períodos: Trecento, Quatrocento e Cinquecento. Cada período correspondeu, respectivamente, a uma parte da época que se estendeu do século 14 ao 16.

No Trecento, por exemplo, podemos destacar o legado literário de Dante Alighieri ("Divina Comédia"). Já no Quatrocento, com representantes dentro e fora da Itália, o Renascimento contou com a obra artística do italiano Leonardo da Vinci (Mona Lisa).

No Cinquecento, fase final do Renascimento, as obras literárias de Gil Vicente (Auto da Barca do Inferno) e Luís de Camões (Os Lusíadas), em Portugal, ganharam destaque. Assim como os quadros de Albercht Dürer ("Adão e Eva" e "Melancolia") e Hans Holbein ("Cristo morto" e

O selo de Lutero

"A virgem do burgomestre Meyer"), se sobressaíram na Alemanha, na literatura francesa, François Rabelais ("Gargântua e Pantagruel").

Com a perda de prestígio econômico nas cidades italianas ocasionado pelas Grandes Navegações, o Renascimento acabou entrando em decadência. Isso porque a partir daí houve uma mudança no eixo econômico do Mediterrâneo para o Atlântico.

MOVIMENTOS RELIGIOSOS

Os abusos cometidos pela Igreja Católica e uma mudança na visão do mundo, fruto do pensamento renascentista, foram os fatores que levaram ao início da Reforma Protestante. Este processo de reformas religiosas teve início no século 16.

A Igreja Católica já vinha, desde o final da Idade Média, perdendo a sua identidade. Gastos com luxo e preocupações materiais tiraram o ideário católico dos trilhos. A isso somou-se a revolta da burguesia comercial. Em plena expansão no século 16, essa classe ficou cada vez mais inconformada, pois os clérigos católicos passaram a condenar o seu trabalho. No campo político, os reis ficaram descontentes com o papa, pois este interferiu muito nos postos de comando reservados à realeza. O novo pensamento renascentista também fez oposição aos preceitos da Igreja.

Trabalhadores urbanos, com mais acesso aos livros, por exemplo, começaram a discutir e a pensar sobre as coisas do mundo. Um pensamento baseado na ciência e na busca da verdade por meio de experiências e da razão. O homem renascentista dedicou maior tempo à leitura, e, dessa forma, pôde formar uma opinião cada vez mais crítica.

CLAUDE LORRAIN

Quadro de Claude Lorrain que representa um porto no mar francês de 1638, no momento fundamental do mercantilismo.

Martinho Lutero

Na época em que se iniciaram os movimentos religiosos, Martinho Lutero foi um dos primeiros a contestar fortemente os dogmas da Igreja Católica. O monge alemão afixou na porta da Igreja de Wittenberg as 95 teses que criticavam vários pontos da doutrina católica. Essas teses condenavam a venda de indulgências e propunham a fundação do luteranismo (religião luterana). Martinho Lutero foi convocado pelo imperador Carlos V a desmentir suas teses. Ele não desmentiu e mostrou ainda a necessidade da reforma da Igreja Católica.
Preocupados com os avanços do protestantismo e com a perda de fiéis, bispos e papas reuniram-se na cidade italiana de Trento (Concílio de Trento) para traçar um plano de reação. E definiram a catequização dos habitantes de terras descobertas, através da ação dos jesuítas; retomada do Tribunal do Santo Ofício -Inquisição - para punir e condenar os acusados de heresias; criação do Index Librorium Proibitorium (Índice de Livros Proibidos) para evitar a propagação de ideias contrárias à Igreja Católica.

O MERCANTILISMO

O mercantilismo envolveu um conjunto de práticas e teorias econômicas desenvolvidas ao longo da Idade Moderna. Nesse período, os Estados nacionais buscavam meios de fortalecer seu poder político.

O objetivo, na época, era a acumulação de capitais (dinheiro, máquinas, bens de consumo e construções) que se beneficiariam do fim das obrigações feudais, da apropriação dos meios de produção artesanal, da ampliação do trabalho assalariado e da formação de um mercado mundial.

Os Estados mercantilistas impunham pesadas taxas alfandegárias que encareciam a entrada de produtos importados em sua economia. Outra prática comum era a constituição de monopólios comercias que privilegiassem a entrada de seus produtos em uma região colonizada ou em países que tivessem grande demanda de um determinado produto.

ABSOLUTISMO

Durante os séculos 17 e 18, surgiram na Europa os Estados absolutistas, que executaram uma centralização administrativa e criaram exércitos permanentes. Esse ambiente foi favorecido pelas transformações políticas pelas quais passou o continente.

Pensadores da época buscaram explicar a existência de um Rei poderoso. O italiano Nicolau Maquiavel pregava a ideia de que as ações políticas deveriam estar apartadas dos valores morais vigentes. Já o inglês Thomas Hobbes entendia que a presença de um rei ou de um 'Estado Forte' era necessária para evitar a desordem humana.

O regime absolutista disseminou os valores iluministas e o advento da Revolução Francesa, refutou a existência de uma estrutura de poder centralizada e assentou-se em justificativas religiosas. Daí em diante, o absolutismo se enfraqueceu e passou a ser conhecido como o "Antigo Regime".

Fique por dentro

Calvinismo

Em 1534, na França, João Calvino deu início a uma Reforma Luterana. De acordo com esse pensador, a salvação da alma só iria ocorrer por meio do trabalho justo e honesto.
Essa ideia atraiu muitos burgueses e banqueiros para o que chamamos de calvinismo.
Muitos trabalhadores também viram nesta nova crença uma forma de ficar em paz com a sua religiosidade.
Calvino também defendeu a ideia da predestinação (a pessoa nasce com sua vida definida).